

A TECNOLOGIA DIGITAL ALIADA À PRÁTICA DOCENTE PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPETRO AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TURNO ÚNICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

DIGITAL TECHNOLOGY ALLIED TO TEACHING PRACTICE FOR STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD) IN A SINGLE-SHIFT PUBLIC SCHOOL OF ELEMENTARY EDUCATION II IN THE PUBLIC NETWORK OF RIO DE JANEIRO

TECNOLOGÍA DIGITAL ALIADA A LA PRÁCTICA DOCENTE PARA ALUMNOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA) EN UNA ESCUELA PÚBLICA DE TURNO ÚNICO DE EDUCACIÓN PRIMARIA II DE LA RED PÚBLICA DE RÍO DE JANEIRO

Patricia de Souza Dias¹
Leonardo Monteiro Trotta²
Verônica Eloi de Almeida³

RESUMO: Este artigo buscou analisar como o uso de tecnologias digitais pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas inclusivas voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola pública de turno único no município do Rio de Janeiro. A pesquisa adotou abordagem qualitativa e exploratória, com levantamento de campo realizado por meio de questionário estruturado, aplicado a 21 educadoras atuantes no Ensino Fundamental II. Os dados foram analisados com base em categorias temáticas emergentes, que permitiram identificar desafios, percepções e estratégias relacionadas ao uso pedagógico da tecnologia no contexto da inclusão escolar. Os resultados indicam que, embora haja limitações estruturais e formativas, os recursos digitais, como aplicativos educacionais, softwares de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) e plataformas interativas, apresentam grande potencial para apoiar o desenvolvimento acadêmico e socioemocional de alunos com TEA. Conclui-se que a efetividade dessas ferramentas depende da formação continuada dos docentes e do planejamento intencional das atividades, sendo a tecnologia uma aliada importante para o fortalecimento de uma educação mais equitativa e acessível.

1246

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Tecnologia Digital. Transtorno do Espectro Autista.

¹Mestranda em Novas Tecnologias Digitais na Educação pela Unicarioca, pedagoga e atua como diretora escolar na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e como docente no Governo do Estado do Rio de Janeiro.

²Pós-doutorado em Educação pela UERJ e professor no curso de Mestrado e Doutorado em Novas Tecnologias Digitais na Educação na UniCarioca.

³Doutora em Sociologia pelo IFCS/UFRJ e compõe o corpo docente no curso de Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UniCarioca.

ABSTRACT: This article sought to analyze how the use of digital technologies can contribute to the construction of inclusive pedagogical practices aimed at students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in a single-shift public school in the city of Rio de Janeiro. The research adopted a qualitative and exploratory approach, with a field survey conducted through a structured questionnaire, applied to 21 educators working in Elementary School II. The data were analyzed based on emerging thematic categories, which allowed us to identify challenges, perceptions and strategies related to the pedagogical use of technology in the context of school inclusion. The results indicate that, although there are structural and formative limitations, digital resources, such as educational applications, Augmented and Alternative Communication (AAC) software and interactive platforms, have great potential to support the academic and socio-emotional development of students with ASD. It is concluded that the effectiveness of these tools depends on the continued training of teachers and the intentional planning of activities, with technology being an important ally in strengthening a more equitable and accessible education.

Keywords: School Inclusion. Digital Technology. Autism Spectrum Disorder.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar cómo el uso de las tecnologías digitales puede contribuir a la construcción de prácticas pedagógicas inclusivas dirigidas a estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en una escuela pública de turno único en la ciudad de Río de Janeiro. La investigación adoptó un enfoque cualitativo y exploratorio, con una encuesta de campo realizada mediante un cuestionario estructurado, aplicado a 21 educadores de la Escuela Primaria II. Los datos se analizaron con base en categorías temáticas emergentes, lo que permitió identificar desafíos, percepciones y estrategias relacionadas con el uso pedagógico de la tecnología en el contexto de la inclusión escolar. Los resultados indican que, si bien existen limitaciones estructurales y formativas, los recursos digitales, como las aplicaciones educativas, el software de Comunicación Aumentada y Alternativa (CAA) y las plataformas interactivas, tienen un gran potencial para apoyar el desarrollo académico y socioemocional de los estudiantes con TEA. Se concluye que la efectividad de estas herramientas depende de la capacitación continua del profesorado y de la planificación intencional de actividades, siendo la tecnología un aliado importante para fortalecer una educación más equitativa y accesible.

1247

Palabras clave: Inclusión Escolar. Tecnología Digital. Trastorno del Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação brasileira tem avançado significativamente na promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas, buscando atender à diversidade presente nas salas de aula. Entre os desafios enfrentados pelos docentes está o acolhimento e o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que demandam estratégias específicas para garantir sua participação e aprendizagem de forma efetiva. Nesse contexto, a tecnologia digital emerge como uma aliada importante, oferecendo recursos que potencializam a prática docente e contribuem para a inclusão desses estudantes no ambiente escolar.

O uso de ferramentas tecnológicas no processo educacional pode favorecer a comunicação, a organização e o engajamento dos alunos com TEA, respeitando suas particularidades e promovendo o desenvolvimento de suas habilidades. No entanto, para que isso ocorra de maneira eficiente, é essencial que os professores estejam preparados para utilizar esses recursos de forma intencional e significativa, alinhando-os às necessidades dos estudantes e aos objetivos pedagógicos.

A inclusão de estudantes com TEA escolas públicas brasileiras permanece um desafio constante, especialmente no Ensino Fundamental II. Apesar dos avanços nas políticas públicas voltadas à educação inclusiva, a realidade escolar ainda apresenta lacunas significativas no que diz respeito à formação continuada dos docentes, à adaptação dos materiais didáticos e ao uso de recursos acessíveis. Tais lacunas comprometem a efetividade das práticas pedagógicas voltadas a esse público, exigindo estratégias inovadoras e sensíveis às suas especificidades.

Dentre as alternativas possíveis, o uso das tecnologias digitais tem se destacado como um recurso promissor no processo de ensino-aprendizagem, especialmente para alunos com necessidades educacionais específicas. Ferramentas como softwares de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), aplicativos educacionais e plataformas interativas podem contribuir significativamente para a personalização do ensino e para a promoção do desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes com TEA. No entanto, para que esses recursos sejam eficazes, é fundamental que os docentes estejam preparados para utilizá-los de forma crítica, pedagógica e inclusiva.

1248

Nesse contexto, este estudo tem como objetivo analisar de que maneira a utilização de tecnologias digitais pode melhorar as práticas pedagógicas no atendimento a alunos autistas em uma escola pública de turno único da rede municipal do Rio de Janeiro. A relevância da investigação está ancorada na busca por alternativas viáveis e eficazes para a promoção de uma educação mais equitativa, alinhada às demandas da contemporaneidade e às diretrizes da Educação Inclusiva.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, realizada por meio de levantamento de campo. Conforme Gil (2008), esse tipo de abordagem permite maior familiaridade com o problema estudado, sendo adequada para a formulação de hipóteses e aprofundamentos teóricos.

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, elaborado com base em observações escolares relacionadas à inclusão de estudantes com TEA e ao uso de tecnologias digitais. O instrumento foi desenvolvido na plataforma *Google Forms* e continha questões fechadas e abertas, visando captar percepções e práticas pedagógicas adotadas pelas participantes.

Participaram da pesquisa 21 educadoras, entre professoras e gestoras, atuantes no Ensino Fundamental II de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. Todas responderam ao questionário no período estipulado, permitindo uma análise representativa das práticas inclusivas desenvolvidas no ambiente escolar de turno único.

A análise dos dados foi realizada por meio de categorias temáticas emergentes, identificadas a partir das respostas das participantes. Essa análise possibilitou a compreensão dos principais desafios enfrentados no atendimento a estudantes com TEA, bem como das estratégias pedagógicas eficazes com apoio da tecnologia digital.

Com base nas contribuições coletadas, foi construída uma sequência didática voltada a turmas com alunos autistas, com o objetivo de promover o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e comunicativas. A proposta buscou integrar o uso pedagógico de tecnologias digitais às necessidades específicas dos estudantes, contribuindo para uma prática mais inclusiva e efetiva.

1249

Por se tratar de um levantamento de dados realizado sem envolvimento direto com seres humanos em situação experimental, foi obtida autorização institucional da escola para o envio e aplicação do questionário, assegurando o anonimato e o consentimento das participantes conforme os princípios éticos da pesquisa educacional.

RESULTADOS

A caracterização das participantes revelou que 4,8% ocupam cargos de direção escolar, enquanto 95,2% são professoras atuantes em sala de aula. A maior parte das docentes leciona no Ensino Fundamental II (28,6%), com destaque para disciplinas como Educação Física (9,6%), Geografia, Inglês e Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo que cada uma dessas áreas corresponde a 4,8% das respostas, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Cargo ocupado pelas participantes

Cargo	Número de participantes	%
Direção escolar	1	4,8
Docência em sala de aula	20	95,2
Total	21	100%

Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

A Tabela 2 ilustra o tempo de atuação na Educação Básica, observou-se que 71,4% das participantes têm mais de 10 anos de experiência, 14,3% atuam entre 6 e 10 anos, 9,5% entre 1 e 5 anos, e apenas 4,8% têm menos de 1 ano de atuação. Essa predominância de profissionais experientes pode favorecer a implementação de práticas pedagógicas mais elaboradas, embora a experiência não substitua a necessidade de formação específica e continuada.

Tabela 2 – Tempo de atuação na Educação Básica

Tempo de atuação	Número de participantes	%
Menos de 1 ano	1	4,8
Entre 1 e 5 anos	2	9,5
Entre 6 e 10 anos	3	14,3
Mais de 10 anos	15	71,4
Total	21	100

Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

A presença de estudantes com TEA nas turmas foi confirmada por 95,2% das participantes, o que reforça a pertinência e urgência do tema investigado. No entanto, quando questionadas sobre a formação específica para atuar com esse público, 52,4% afirmaram não ter recebido nenhum tipo de preparo. Apenas 14,3% relataram possuir formação acadêmica na área, outros 14,3% mencionaram participação em cursos de capacitação e 19% destacaram a troca de experiências com colegas como principal fonte de aprendizagem, conforme a Tabela 3.

Tabela 4 – Formação para atuar com estudantes com TEA

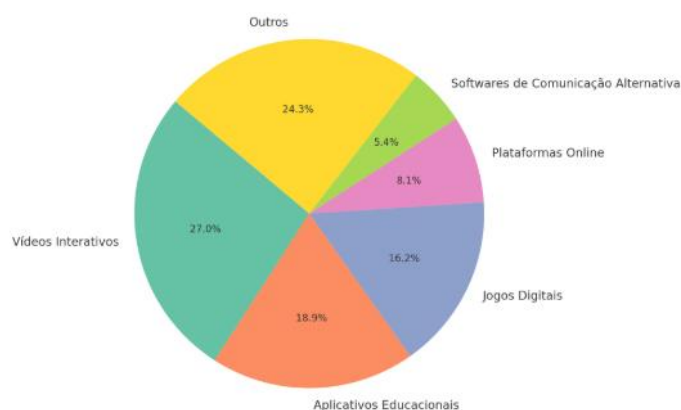
Tipo de formação	Número de participantes	%
Sem formação específica	11	52,4
Formação acadêmica na área	3	14,3
Cursos de capacitação	3	14,3
Troca de experiências com colegas	4	19
Total	21	100

Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

Conforme mostra a Figura 1, os vídeos interativos são os recursos mais utilizados no processo de ensino-aprendizagem com alunos autistas, seguidos por aplicativos e jogos digitais, embora uma parcela expressiva das respostas esteja agrupada na categoria “Outros”, revelando a variedade de abordagens adotadas pelos educadores.

1251

Figura 1. Recursos tecnológicos mais utilizados



Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

A Tabela 5 apresenta a frequência com que as participantes da pesquisa utilizam tecnologias digitais como recurso pedagógico no trabalho com alunos com TEA. Observa-se que a maioria das educadoras, 52,4% (11 participantes), não utilizam essas tecnologias. 33,3% (7

participantes) afirmaram utilizar apenas às vezes, enquanto apenas 14,3% (3 participantes) relataram uso frequente desses recursos.

Tabela 5 – Frequência de uso de tecnologias digitais com alunos autistas

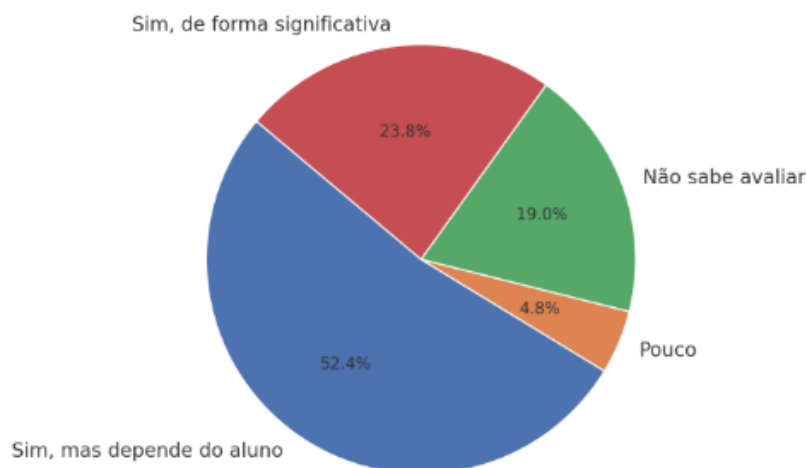
Frequência de uso	Número de participantes	%
Não utilizam	11	52,4
Usam às vezes	7	33,3
Usam com frequência	3	14,3
Total	21	100

Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

A percepção sobre a eficácia dos recursos tecnológicos também variou. Para 52,4% das participantes, o impacto da tecnologia depende do perfil de cada aluno. Já 23,8% consideram que esses recursos contribuem significativamente para o engajamento dos estudantes autistas, enquanto 19% não souberam avaliar e 4,8% acreditam que o impacto é baixo, como ilustrado na Figura 2.

Figura 2. Percepção sobre o impacto dos recursos tecnológicos

1252



Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

Em relação ao suporte institucional, 57,1% das participantes afirmaram que não recebem nenhum tipo de apoio da escola para o uso da tecnologia com alunos autistas. Outras 19% consideraram o suporte parcial, 19% relataram que o apoio é muito limitado, e apenas 4,8% disseram receber suporte adequado.

Tipo de Suporte	Número de participantes	%
Nenhum suporte	12	57,1
Suporte parcial	4	19,0
Suporte muito limitado	4	19,0
Suporte adequado	1	4,8
Total	21	100

Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

A Figura 3 mostra as principais dificuldades relatadas pelas participantes quanto ao uso de tecnologias digitais com alunos com TEA. A maior parte das respostas (35,8%) refere-se à falta de equipamentos adequados, seguida pela ausência de formação específica, indicada por 26,4% das docentes. A falta de tempo para planejamento aparece como obstáculo para 17% das participantes, enquanto 11,3% apontam a dificuldade de adaptação dos próprios alunos às tecnologias como um fator limitante. Por fim, 9,4% relataram outras barreiras, não especificadas. Esses dados evidenciam que os principais entraves estão relacionados à infraestrutura das escolas e à carência de formação continuada dos profissionais, fatores

1253

Figura 3. Dificuldades enfrentadas pelos professores no uso de tecnologia para o ensino de alunos autistas

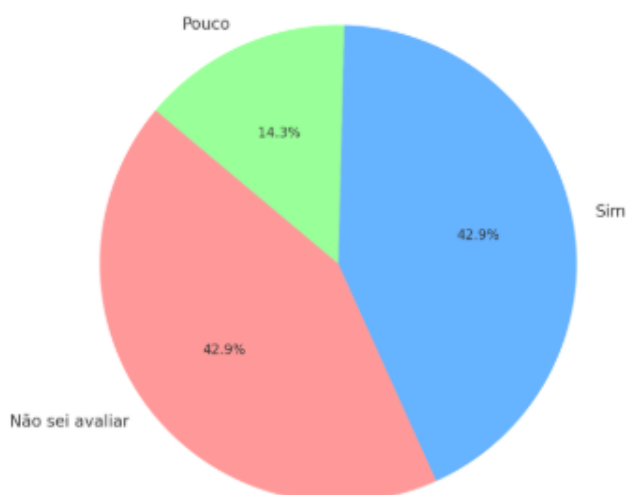


Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

Por fim, a Figura 4 apresenta a percepção das participantes da pesquisa quanto à eficácia das tecnologias digitais no processo educativo de estudantes com TEA. Observa-se que 42,9% das docentes acreditam que as tecnologias contribuem efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem desses alunos. Por outro lado, 42,9% afirmaram não saber avaliar esse impacto, demonstrando insegurança ou falta de conhecimento sobre o uso pedagógico desses recursos. Apenas 14,3% consideraram que as tecnologias contribuem pouco.

Os dados revelam a necessidade de formação continuada voltada ao uso de Tecnologias Assistivas (TA) e recursos digitais, de modo a fortalecer a segurança e o domínio das professoras em sua prática pedagógica inclusiva.

Figura 4. Percepção dos professores sobre o impacto dos recursos tecnológicos na prática pedagógica com alunos autistas



Fonte: Dias, Trotta e Elói (2025)

Desta forma, compreende-se que, embora as tecnologias digitais possuam grande potencial para contribuir com a inclusão de estudantes com TEA, sua aplicação ainda é limitada por fatores estruturais, formativos e institucionais. A literatura especializada, como apontam Moran (2015) e Lopes e Leal (2020), destaca que o uso efetivo da tecnologia na educação inclusiva exige formação docente contínua, políticas públicas estruturadas e o fortalecimento de uma cultura pedagógica voltada à equidade. A ausência de preparo técnico e metodológico, somada à escassez de suporte institucional, compromete a implementação de práticas inovadoras e a concretização de uma educação verdadeiramente inclusiva.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram que a presença de alunos com TEA nas turmas é amplamente reconhecida pelos docentes da escola investigada. No entanto, os dados também revelaram que a maioria das professoras não recebeu formação específica para o trabalho com esses estudantes, o que pode comprometer a eficácia das práticas pedagógicas inclusivas. Esse achado está alinhado ao que afirmam Mazzotta e Lima (2020), ao destacarem que a formação continuada e qualificada do professor é um pilar essencial para o sucesso da inclusão. A ausência de preparo adequado leva muitos docentes a dependerem exclusivamente da experiência prática e da tentativa e erro, o que pode gerar insegurança e práticas pouco eficazes.

Além disso, as respostas das educadoras indicam que, embora haja reconhecimento da importância da tecnologia como aliada no processo de inclusão, seu uso ainda é restrito e pouco planejado. Isso pode estar associado tanto à falta de recursos como à ausência de capacitação para uso pedagógico dessas ferramentas, o que também foi identificado por Lopes e Leal (2020) e reafirmado por Simão e Rocha (2021), ao apontarem a necessidade de formações continuadas que articulem o uso das tecnologias às metodologias inclusivas.

Dentre os recursos tecnológicos utilizados, os vídeos interativos, aplicativos educacionais e jogos digitais foram os mais citados. No entanto, ferramentas específicas de CAA como PECS e *Boardmaker*, ainda têm baixo índice de adoção, apesar de sua comprovada eficácia na promoção da autonomia e comunicação de alunos com TEA (Figueiredo, 2014). Esse dado demonstra que o potencial da TA ainda não é plenamente explorado no contexto da escola pública investigada.

Barroso e De Souza (2018) destacam que as tecnologias digitais promovem benefícios amplos para os estudantes com TEA, incluindo maior autonomia, atenção e coordenação visomotora. No entanto, o impacto real desses recursos depende da forma como são integrados ao cotidiano escolar. A maioria das educadoras afirmou que raramente planeja atividades específicas com o uso de tecnologia para seus alunos autistas, o que reforça a visão de que a inclusão digital ainda não está institucionalizada como parte da cultura pedagógica. Como indicam Guzman et al. (2017), dispositivos táteis e interfaces interativas estimulam mecanismos neurofisiológicos fundamentais para o desenvolvimento desses estudantes, sendo cruciais para sua inclusão e aprendizagem.

Ainda, os dados mostraram que 90,5% das professoras apontaram a falta de equipamentos adequados como principal barreira para o uso da tecnologia. Soma-se a isso a

percepção majoritária de que a escola oferece pouco ou nenhum suporte para implementação desses recursos. Essa constatação converge com os estudos de Sartoretto e Bersch (2022), ao afirmarem que o acesso à TA, especialmente em países em desenvolvimento, é dificultado por fatores estruturais e econômicos, o que impede a plena realização de seus benefícios.

O contexto das escolas públicas de turno único no município do Rio de Janeiro, onde a pesquisa foi realizada, também impõe desafios adicionais. Embora esse modelo ofereça maior tempo escolar, o aproveitamento desse tempo depende da infraestrutura e da organização pedagógica, que muitas vezes são limitadas. A ampliação da jornada escolar pode, no entanto, criar oportunidades para a implementação de projetos interdisciplinares e estratégias inclusivas mais eficazes, especialmente quando aliada ao uso de tecnologias, como ressaltado por Moraes (2023) e Modelski, Giraffa e Casartelli (2019).

Nesse sentido, os dados obtidos na presente pesquisa reforçam a constatação de que a tecnologia, quando aliada à sensibilidade pedagógica e ao planejamento intencional, pode ampliar as oportunidades de participação e aprendizagem dos alunos com TEA. Entretanto, para que esse potencial se concretize, é essencial o investimento em formação continuada, suporte técnico, acesso a recursos adaptados e articulação entre docentes, gestores e profissionais especializados.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o uso das tecnologias digitais no processo de inclusão de alunos com TEA na Educação Básica, a partir da percepção de professoras atuantes em escolas regulares. Buscou-se compreender, em especial, as práticas pedagógicas adotadas, os desafios enfrentados, os recursos disponíveis e o suporte institucional oferecido para que o processo de ensino-aprendizagem seja realmente inclusivo e eficaz para esse público.

A problemática que norteou o estudo diz respeito à efetiva implementação de uma educação inclusiva de qualidade, considerando que, mesmo com avanços legais e teóricos, a inclusão de alunos autistas ainda esbarra em limitações práticas. Os dados obtidos revelaram que, embora grande parte das docentes tenha vivência com estudantes com TEA, muitas não possuem formação específica para lidar com as necessidades desse público. Além disso, observou-se que o uso das tecnologias digitais como apoio pedagógico ainda é incipiente ou

ocasional, muitas vezes por falta de equipamentos adequados, de formação continuada e de tempo para planejamento.

Outro ponto que merece destaque é a ausência de suporte institucional adequado, o que compromete não só a atuação das professoras, mas também o progresso escolar e social dos estudantes com TEA. As tecnologias, quando bem aplicadas, podem desempenhar papel significativo na construção de um ambiente escolar mais inclusivo, colaborando para o desenvolvimento da comunicação, da autonomia, da interação e da aprendizagem. No entanto, para que isso ocorra, é necessário que as escolas estejam preparadas estrutural e pedagogicamente, o que inclui acesso a recursos tecnológicos, formação qualificada dos profissionais e uma gestão comprometida com a inclusão.

Com base nos resultados, fica evidente que há um descompasso entre as exigências da legislação e a realidade vivenciada pelas educadoras. A inclusão escolar não pode depender exclusivamente do esforço individual do professor, mas deve ser uma construção coletiva, envolvendo políticas públicas eficazes, formação docente continuada, infraestrutura escolar adequada e uma rede de apoio que envolva famílias, profissionais da saúde e gestores escolares.

Como expectativa futura, propõe-se o fortalecimento das políticas de inclusão por meio de investimentos concretos na formação continuada dos docentes, com foco específico nas particularidades do TEA e nas metodologias pedagógicas baseadas em tecnologias digitais. Também é fundamental que os currículos escolares considerem a diversidade humana como princípio, e não como exceção, integrando práticas inclusivas desde a formação inicial dos professores.

1257

Além disso, destaca-se a importância de ampliar as pesquisas na área, promovendo estudos que explorem experiências exitosas, metodologias inovadoras e práticas interdisciplinares que promovam a participação ativa dos alunos com TEA na vida escolar. A inclusão não deve ser apenas um ideal normativo, mas uma prática cotidiana que valorize as potencialidades de cada estudante, garantindo-lhes o direito à aprendizagem, à convivência e ao pleno exercício da cidadania.

Dessa forma, a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva passa, necessariamente, pelo compromisso coletivo da sociedade, da escola e do poder público, em superar os desafios ainda existentes e em promover uma educação equitativa, acessível e humanizadora para todos.

REFERÊNCIAS

1. BARROSO MCS, MANTOAN MTE. O papel da escola inclusiva no atendimento ao aluno com autismo. **Revista Educação Especial**, 2010; 23(38): 369-380.
2. FIGUEIREDO MC. O uso da comunicação alternativa (PECS e Boardmaker) com alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2011; 17(3): 401-416.
3. GIL AC. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas; 2008. 200 p.
4. GUZMAN AD, AMORIM K, LOPES B, RIBEIRO C. Novas tecnologias: pontes de comunicação no transtorno do espectro do autismo (TEA). **Ter Psicol, Santiago**, 2017; 35(3): 247-258. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So718-48082017000300247&lng=es&nrm=iso
5. LOPES RS, LEAL TF. A formação docente para o uso de tecnologias no ensino inclusivo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2016; 22(1): 55-72.
6. MAZZOTTA MJS, LIMA MO. A formação continuada de professores para a inclusão de alunos com TEA. **Revista Educação Especial**, 2012; 25(44): 273-289.
7. MODELSKI D, GIRAFFA LMM, CASARTELLI AO. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**, 2019; 45: 1-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qGwHqPyjqbw5JxvSCnkVrNC/abstract/?lang=pt>
8. MORAES R. Educação e conectividade: utilização de tecnologias nas práticas de ensino em uma escola pública. **Revista Educação Pública**, 2023; 23(26): 1-12. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/26/educacao-e-conectividade-utilizacao-de-tecnologias-nas-praticas-de-ensino-em-uma-escola-publica>
9. MORAN JM. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG; 2015. p. 45-60.
10. SARTORETTO ML, BERSCH RCR. **Recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial; 2010. 67 p.
11. SIMÃO LMS, ROCHA ECS. Tecnologias assistivas no contexto escolar: práticas inclusivas e formação docente. **Revista Humanidades & Inovação**, 2020; 8(38): 1-15.